

# 9° Conferência da Associação Mundial de Rádios Comunitárias e Cidadãos (AMARC)

*Por Gustavo Gindre*

## Parte I

### 1-) Jordânia

A Jordânia é um pequeno país do Oriente Médio (um pouco menor do que o estado de Pernambuco), com uma população de cerca de 6.000.000 de habitantes, sendo 2.500.000 na capital (Amman) e 30% vivendo em áreas rurais, alguns ainda como semi-nômades. Com o fim da 1ª Guerra Mundial, Jordânia e Cisjordânia passaram ao controle do Reino Unido, sob o nome de Transjordânia. Em 1946, a Jordânia se tornou independente e em 1950 recebeu em definitivo o nome de Reino Hashemita da Jordânia. Em 1967, Jordânia e Egito foram à guerra contra Israel, sendo derrotados. Com isso, a Jordânia perdeu a posse da Cisjordânia e da porção oriental de Jerusalém, adquirindo seu tamanho atual.

Sua população é de maioria árabe e, embora tenha tido sempre uma posição dúbia em relação à independência da Palestina, aqui vivem mais de 1.000.000 de refugiados palestinos. O idioma oficial é o árabe e cerca de 94% da população é composta por muçulmanos sunitas.

Desde sua independência, a Jordânia teve apenas três governantes. Abdullah I, seu neto Hussein e o filho desse, o atual Abdullah II.

Hussein, que governou a Jordânia entre 1953 e 1999, promoveu uma ampla ocidentalização do país, aproximando-o dos Estados Unidos e expulsando de seu território a Organização para Libertação da Palestina (OLP).

Amman, a capital, fica a 700 metros acima do nível do mar e possui um impressionante tom monocromático. Todas as casas e edifícios são cor de areia, o que se explica pela proximidade com o deserto. Menor e mais organizada do que cidades como Cairo, Amman guarda a semelhança de não possuir sinais de trânsito, obrigando a que se faça constantes negociações com os carros para que se possa atravessar suas ruas.

Também é comum se encontrar por aqui a burocracia e ineficiência das ditaduras do Oriente Médio. Todos os ônibus colocados à disposição da Conferência da AMARC são dirigidos por militares, que passam boa parte do seu tempo discutindo entre si sobre qual dos ônibus devemos usar. Para entrar no hotel onde se realiza a conferência, temos que passar por um detector de metais (que sempre dispara, sem que isso importune a conversa entre os militares armados com metralhadoras) e estar necessariamente portando um crachá (onde apenas se lê nossos nomes, muitas vezes escritos à mão).

Algumas mulheres cobrem as cabeças com véus, mas uma parte se veste como as ocidentais, apenas evitando decotes e mangas curtas.

Próximo de Amman fica Petra, a cidade construída nas paredes de um desfiladeiro e que ficou internacionalmente conhecida graças ao filme Indiana Jones 3, quando ela serviu de cenário para um suposto esconderijo templário onde Harrison Ford e Sean Connery lutaram pela vida eterna. Petra foi fundada pelos Edomitas mais de 500 anos antes de Cristo e viveu seu apogeu entre I a.c e I d.c., sob o domínio romano, quando estava no caminho das caravanas entre o Mar Vermelho e a Arábia. Esquecida nas brumas do passado, só foi reencontrada em 1812 e hoje é Patrimônio Cultural da Humanidade.

## **2-) 9º Conferência da Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC)**

A conferência se divide de forma bem radical entre os painéis e a assembléia dos associados.

Os painéis ocupam todos os dias da conferência, exceto o último. Neles se discute muito pouco a própria AMARC. De fato, os painéis servem como importante e interessante espaço para troca de experiências. É neles que se pode perceber a beleza e os problemas enfrentados pelas rádios comunitárias de todo o mundo. Também fica evidente a dificuldade de construir um movimento de caráter mundial. Se, em alguns lugares, luta-se contra o monopólio estatal das comunicações e a iniciativa privada muitas vezes assume um caráter progressista, para a América Latina, por exemplo, o grande adversário é o oligopólio privado. Se algumas experiências buscam aumentar a diversidade cultural de seus meios de comunicação, em outras partes a diversidade de línguas, etnias e religiões é um desafio ao diálogo.

De forma um pouco brusca, no último dia realiza-se a assembléia de sócios da AMARC, quando, pela primeira vez de forma oficial, a AMARC se torna o principal (e muitas vezes, o único) tema de debate. Com esse modelo, a assembléia é pouco inclusiva para aqueles (como eu) que não estejam já acostumados com o cotidiano da entidade.

Depois de um confuso processo de cadastramento, cada presente pode votar pela sua própria entidade e por outras associadas da AMARC de seu país de origem, que lhe tenham outorgado por escrito o direito de representação. Com isso, o número de votos é muito maior do que o de delegados.

Na avaliação das regiões que integram a AMARC, a palavra que mais se ouviu foi "crise". América Latina e Caribe parecem estar se recuperando da crise que se abateu sobre a região há alguns anos. Existem diversas iniciativas conjuntas entre os países de língua espanhola e a região se apresentou com cerca de metade dos votos da conferência. Mas, o que mais chamou a atenção foi o nível de coordenação existente entre os delegados da região, que se reuniam todas as noites para fazer um balanço do evento.

A Europa também se recupera de uma crise que diminuiu consideravelmente o número de entidades associadas à AMARC.

Já a África parece completamente submergida numa disputa interna que envolve um déficit de US\$ 1 milhão e a rivalidade entre anglófonos e francófonos.

Enquanto isso, a Ásia foi a única região que não pontuou a crise em sua análise. E, pela primeira vez, existem dois associados entre os países árabes: um na Tunísia e outra aqui, na Jordânia.

Como todo evento onde se elege uma diretoria, parte considerável do tempo foi gasto em conversas sobre a composição da futura diretoria da AMARC. Na assembléia foram apresentados candidatos únicos para os três principais cargos: presidência (recondução do inglês Steve Buckley), vice-presidência (a mexicana Aleida Calleja) e tesouraria (recondução da norte-americana Elizabeth Robinson, que conta com a abstenção de todos os votos da América Latina). Foram confirmadas as indicações de cada região para suas respectivas vice-presidências. Para América Latina já havia sido eleita pelos seus associados a chilena Maria Pia, da Radio Tierra.

Haverá, contudo, disputa para as demais três vice-presidências (genéricas) entre as sete candidaturas apresentadas.

### **3-) América Latina**

Durante as intervenções ao longo da conferência ficou claro que a América Latina tem não apenas um bom diálogo interno como também uma intervenção bem mais ideologizada. São pontos comuns à várias intervenções a crítica ao neoliberalismo e ao oligopólio privado das comunicações, a necessidade de nos articularmos melhor com outros movimentos sociais (influindo na pauta destes), a prioridade de atuar no interior do Fórum Social Mundial e a preocupação com o impacto das futuras mudanças tecnológicas.

Essa visão contrasta com uma posição que poderíamos chamar de "primeiro-mundista" e que tende a ver a AMARC como uma ONG internacional que faz capacitação e intercâmbio. A disputa pelos cargos refletia essa diferença de visões.

### **4-) Brasil**

Estar aqui me ajudou a ter em conta o tamanho da fragilidade do movimento de rádios comunitárias no Brasil. Países muito menores e com menos recursos contam com experiências bem mais consolidadas de rádios, de programas radiofônicos, de associações representativas, de projetos de capacitação e de mecanismos de intercâmbio. Em vários momentos fui indagado porque o Brasil (cujos movimentos sociais muitas vezes são referência internacional) tem um movimento de rádios comunitárias tão fraco.

### **5-) Desdobramentos**

Saio dessa conferência com duas responsabilidades, além daquela óbvia de informar os associados da AMARC-Brasil sobre o que se passou aqui.

- A primeira é me integrar a equipe latino-americana que está fazendo uma análise de 15 países sobre as melhores legislações para as rádios comunitárias. A idéia é que os resultados possam inspirar a disputa por leis mais democráticas.

- A segunda é coordenar uma força-tarefa que vai levantar os riscos da implantação do padrão norte-americano para o rádio digital (IBOC). Nesse grupo estarão dois companheiros dos Estados Unidos que já conhecem bem os riscos inerentes ao IBOC.

## **Parte II**

### **1 - Nosso cotidiano**

Praticamente não tive tempo para conhecer a cidade, exceto um anfiteatro romano bem no meio de Amman. No restante do tempo, estivemos em reuniões de manhã, tarde e noite. Amanhã faremos uma pequena viagem para visitar Petra. E no sábado começo minha maratona de volta, com direito a 12 horas pela espera da conexão em Paris.

A 9ª Conferência da AMARC foi bem organizada. Mas, como era inevitável, vivemos alguns problemas. Os dois principais foram a tradução e os jantares.

Havia tradução para espanhol, inglês e francês. Mas, todos reclamavam da qualidade do serviço oferecido. Como não falo uma palavra de francês, fui testemunha de como era difícil acompanhar as falas dos companheiros francófonos.

Estranho foi o que se passou com os jantares. Nos primeiros dias fomos a bons restaurantes típicos. Na terça-feira, contudo, fomos retirados sem motivo de um restaurante onde uma banda de árabes tocava gaitas escocesas (!) e alojados (quase todos os 350

participantes) num pequeno fast food. Na quarta-feira já fomos diretos para uma versão local do McDonald's e ninguém conseguiu entender o porquê.

Mas, nada é tão ruim. A delegação latino-americana descobriu uma pequena loja, numa rua escura, que vende bebida alcoólica (algo muito difícil de encontrar por aqui). Assim, terminamos a noite de quinta com um engradado de garrafas de cerveja e um rum cubano. E não se pense que apenas a bebida alcoólica é vetada, mas discretamente tolerada. No caminho entre o aeroporto e o hotel, o motorista de táxi, ao responder a minha pergunta sobre o que havia de bom para se fazer em Amman, me ofereceu "girls" com "no máximo 20 anos".

## **2 - A assembléia de sócios**

A assembléia dos sócios, infelizmente, foi um anticlímax em relação aos bons debates que presenciei durante a 9º Conferência da AMARC.

Ela foi basicamente dividida em quatro momentos.

- Um breve relato do que foi discutido nos painéis ao longo da semana.
- A apresentação e aprovação do "plano estratégico" e do "orçamento". Como não recebemos estes materiais com antecedência, não foi possível discutir quase nada. Preocupou-me ver os dois principais documentos para a próxima gestão serem aprovados sem quase nenhum debate.
- Uma apresentação massiva de moções de todos os tipos. Em geral, de apoio à experiências comunitárias ou de denúncias de repressões. Uma moção importante foi aquela que oficializou as relações da AMARC com a União Internacional de Telecomunicações, visando a produção de um standard internacional para a gestão do espectro eletromagnético, que possa garantir o direito das rádios comunitárias.
- Por fim, a votação dos novos membros da direção mundial da AMARC. A votação só não terminou mal porque não havia disputas significativas e os ânimos se mantiveram no lugar.

Porque, por outro lado, as regras de credenciamento foram confusas e mudaram diversas vezes. Já durante a assembléia decidiu-se pelo voto secreto.

Ao todo foram 224 votos do total de 232 votantes inscritos, sendo 128 da América Latina. Como informei antes, somente havia disputa para as quatro vagas de vice-presidências "genéricas". Para os demais cargos foram apenas confirmados os candidatos únicos. Note-se, apenas, a expressiva abstenção que procurou questionar a indicação de Elizabeth Robinson para a tesouraria da AMARC.

## **3 – Fim**

Fico devendo uma mensagem com o placar final das eleições e os nomes dos eleitos. No sábado, começo o regresso.

## **Parte III**

### **"É a economia, estúpido"**

Essa frase foi usada por um dos principais assessores de Bill Clinton, durante sua campanha de reeleição. A frase visava avisar aos demais membros da campanha que o eleitor decide seu voto a partir de aspectos econômicos. E, em geral, bem concretos, daqueles que afetam diretamente seu bolso.

Certa ou errada, foi dessa frase que me lembrei quando entendi porque o rei Hussein resolveu romper com seus antigos aliados da OLP e fazer a paz com Israel. Não foi apenas o fato da OLP estar praticamente controlando uma porção do território da Jordânia. É que a Jordânia importa quase toda a sua água de Israel. Este é o mesmo motivo, aliás, que fez Israel tomar da Síria as Colinas de Golã. Em territórios desérticos, água pode valer mais que petróleo.

Também ficou mais fácil de entender porque a Jordânia não se manifestou para apoiar palestinos e libaneses quando Israel invadiu o sul do Líbano. É que boa parte dos investimentos que eram feitos até então na "Suíça do Oriente Médio" migraram para a Jordânia. Indiretamente, Hussein lucrou com a destruição do Líbano.

E depois há quem alegue que estamos numa guerra santa que divide cristãos e muçulmanos, ocidentais e orientais. Provavelmente, as correlações geoestratégicas expliquem muito melhor os motivos de tantos conflitos nessa região.

\* - Não sei se a informação vale alguma coisa, mas a atual Jordânia é a antiga Filadélfia, mencionada na bíblia e que depois inspirou os imigrantes expulsos para viver nas colônias da América do Norte.

## **Petra**

Na sexta-feira fizemos um passeio à Petra. Uma paisagem fantástica, capaz de deixar qualquer um de queixo caído. Tudo foi pago pela organização do evento (ônibus para percorrer os quase 300 Km, guia, ingressos a US\$ 30,00 e almoço no Crowne Plaza), que recebeu recursos do governo da Jordânia. Só ao final descobrimos porque tanta generosidade. A Jordânia está em plena campanha para emplacar Petra como uma das novas sete maravilhas do mundo, em um concurso organizado por uma empresa suíça. Ter comunicadores do mundo inteiro falando bem de Petra pode ser um importante instrumento para cabalar votos. E ser escolhida uma maravilha do mundo pode incrementar em muito o recente turismo de Petra, que surgiu depois da propaganda gratuita feita por Indiana Jones 3.

Por sinal, o Cristo Redentor também está na disputa.

Além das maravilhas arqueológicas, pudemos desfrutar das cenas mais comuns de sítios turísticos em países pobres. Inúmeras lojinhas vendendo lembranças de baixa qualidade a preços exorbitantes, moradores locais tentando vender seus serviços (no caso, passeios de cavalo, burros e camelos) e crianças pedindo esmolas.

## **A mulher**

O islamismo sempre foi considerado uma religião tolerante. O califa de Córdoba, por exemplo, costumava ter três conselheiros: um muçulmano, um cristão e um judeu. Foi também em Córdoba que o maior filósofo judeu (Maimônides) pode florescer e escrever sua obra. Diante da violência dos cruzados, o líder muçulmano (Saladino) poderia ser considerado um adepto da Convenção de Genebra.

Mas, os últimos anos viram o recrudescimento de um fundamentalismo que busca uma volta às supostas origens do islamismo. Muitas vezes se trata de uma mitificação, movida pelo desespero da pobreza somado às disputas econômicas e políticas da região (envolvendo, principalmente, os interesses dos países ditos desenvolvidos).

Infelizmente, este neo-fundamentalismo tem repercutido na vida das mulheres. Até mesmo países que possuem governos laicos (em geral, herdeiros ditatoriais do finado pan-

arabismo), como Tunísia, Jordânia, Síria e Líbano, têm visto o aumento do uso do véu e o recuo da posição feminina na sociedade.

Até mesmo nos rígidos controles de imigração, percebe-se que a mulher raramente se dirige ao funcionário do governo. É o marido que trata de tudo em público. À mulher é reservado o espaço privado da casa.

## **AMARC**

A conferência da AMARC terminou com dois bons saldos e uma decepção.

Por um lado, foi fantástica a possibilidade de troca de informações com experiências diversas, contraditórias e complexas, mas todas lutando para sobreviver diante de oligopólios privados e estatais. No sábado foi emocionante ver o aeroporto lotado de pessoas que retornavam para suas casas, no Nepal, Togo, Haiti, Brasil...

Também foi muito bom perceber o nível de politização da bancada latino-americana e caribenha, que logrou eleger a vice-presidente geral e um dos vice-presidentes "genéricos". Quando se via alguém questionando os oligopólios privados, querendo saber quem financia este movimento e porque, colocando as rádios comunitárias em alinhamento com outros movimentos sociais, em 99% das vezes era um latino falando. Fiquei impressionado com a quantidade de projetos de capacitação e intercâmbio que vem sendo feitos na região. E foi óbvio que este comportamento recebeu a admiração de várias outras delegações, em especial da Europa e África, que buscam suas reconstruções.

Contudo, foi decepcionante perceber que pouco se discute o próprio movimento de rádios comunitárias na conferência da AMARC. Plano de trabalho e orçamento foram aprovados com pouquíssima discussão.

À pedido da Taís Ladeira (que, se não estivesse grávida, teria sido a nossa representante natural), solicitei a inclusão do português como língua oficial da AMARC, ao lado de inglês, português e espanhol. Isso permitiria que os textos fossem publicados em português e que houvesse tradução simultânea. Mas, a tesoureira da AMARC (Elizabeth Robinson) ponderou que isso implicaria aumento de custos e que uma proposta como essa significa mudanças de estatuto. E que uma sugestão de alteração estatutária deve ser feita seis meses antes da conferência. Ou seja, ficou para a próxima.

Aliás, a próxima conferência, em 2009, será realizada na América Latina e já começa a corrida para saber quem será o anfitrião. Venezuela?